

Estrepes, armadilhas pontiagudas de madeira capazes de furar pneus de trator, espalhadas pelos índios arredios em estrada aberta pelos madeireiros em área da Reserva Biológica do Guaporé, em Rondônia

Índios arredios estão cercados em Rondônia

RICARDO ARNT
Enviado especial a Rondônia

Um grupo de índios arredios, jamais contatados pelos brancos, está encurralado na Reserva Biológica do Guaporé, em Rondônia. A expansão da fronteira agrária em Rondônia não poupou as terras do Estado. Possesores e madeireiros invadiram a área. Os índios, em fuga permanente para o oeste, entraram fundo na reserva de 6 mil quilômetros quadrados, a 85 km de Alta Floresta D'Oeste, mas agora estão encurralados: seringueiros e búfalos povoam os rios Baía Branca e Surubim, a oeste; no norte, há outros grupos indígenas; e, no sul, há o pântano do Massaco. Não há mais para onde fugir.

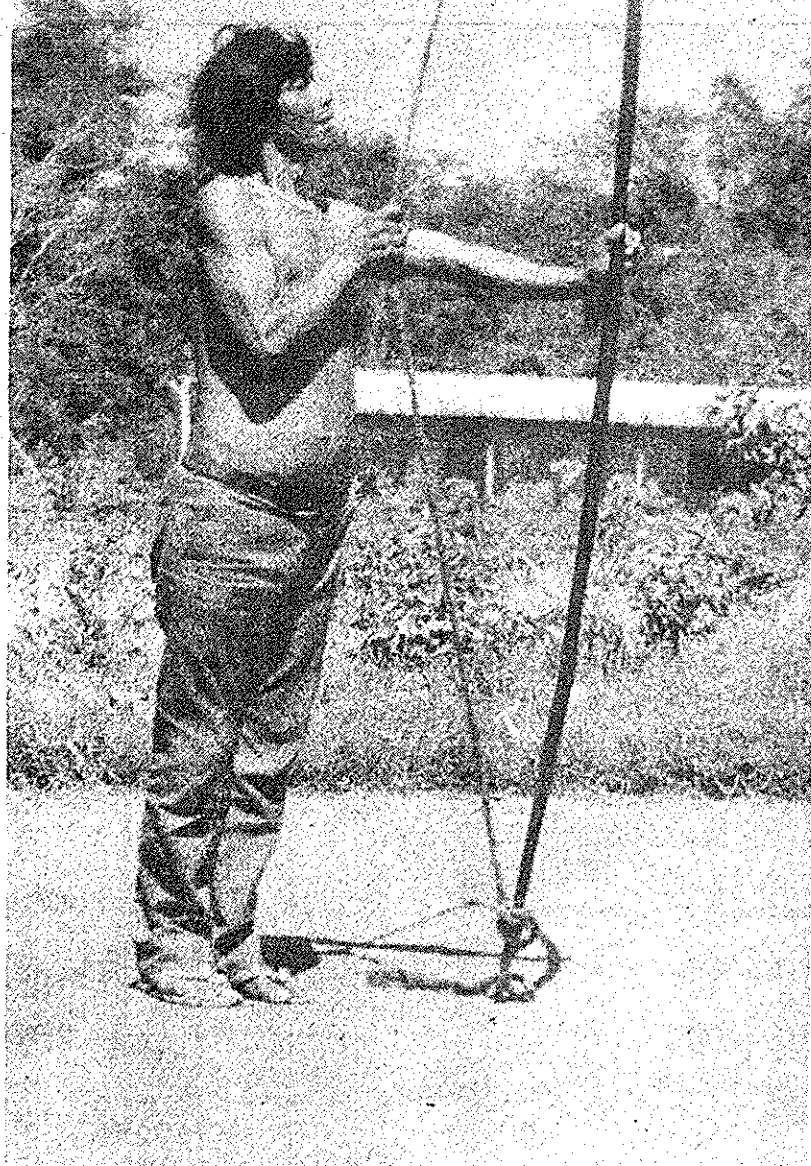
A reportagem da **Folha** viajou dez dias nas savanas e nas florestas da Reserva do Guaporé, acompanhada por ambientalistas da Ação Ecológica Vale do Guaporé (Ecoporé). Fez três incursões na reserva. Encontrou acampamentos e vestígios de um grupo singular de índios: têm o maior arco já encontrado no Brasil (três metros de altura), usam cabelos longos, pelas costas, são fortes e têm aproximadamente 1,8 metro de altura. Nas estradas abertas pelos madeireiros, cravam estrepes de madeira —armadilhas pontiagudas capazes de varar pneus de trator, sapatos e pés.

A equipe da Assessoria de Índios Isolados da Segunda Superintendência Regional da Fundação Nacional do Índio, que há dois anos tenta identificar o grupo, trabalha com a hipótese de serem sirionó, do tronco tupi, provenientes da Bolívia. Provavelmente tiveram uma experiência traumática com os brancos no passado. Recusam contato.

Nos últimos anos, os arredios abandonaram milhares de hectares de seu território tradicional. Alta Floresta D'Oeste, fundada em 1982 e emancipada em 1986, tem 50 mil habitantes. Paranaenses, gaúchos e capixabas avançam para oeste, abrem "linhas" (caminhos na reserva), derrubam a floresta e plantam café, feijão, arroz e milho. Mas a maior riqueza, a madeira, está escasseando. Em 1984, havia 35 serrarias no município, agora são 19. O mogno e a cerejeira acabaram em um rio de 200 quilômetros. Só no leste da reserva, 40 mil árvores foram derrubadas clandestinamente, segundo estimativa feita pelo agrônomo João Alberto Ribeiro, da Ecoporé.

Dez "linhas" paralelas, distantes cinco quilômetros uma da outra, penetram até 50 quilômetros dentro da reserva. Ao longo delas, fazendeiros, comerciantes, médicos, advogados, delegados de polícia e funcionários públicos de Alta Floresta D'Oeste, Rolim de Moura, Pimenta Bueno e Cacoal requereram a demarcação de 400 posses. Só há 20 famílias de colonos morando dentro da reserva. Mais de 60 quilômetros quadrados de floresta já foram desmatados. Os madeireiros abriram as linhas 95 e 120 ao tráfego. Por elas, escoam a madeira roubada da reserva. Uma nova cidade, Izidolândia, nasce colada à reserva.

Uma área de 400 quilômetros quadrados no leste da reserva foi invadida. Possesores e madeireiros afirmam que o rio Consuelo, que marca a divisa leste da reserva, está localizado erradamente nos mapas. Alegam que não estão



Mucurap com arco de 3 m dos arredios; no destaque, índio sirionó

dentro da área protegida e fundaram a Associação dos Agricultores do Vale do Colorado.

Anos de ausência de fiscalização e roubo impune da madeira estimularam a penetração. Mas as exigências do Banco Mundial, em 1988, condicionando a aprovação de empréstimo de US\$ 230 milhões (Cr\$ 19,5 bilhões) pelo câmbio paralelo para o Planalto, o novo programa de desenvolvimento dos recursos naturais de Rondônia, induziram ao endurecimento da fiscalização.

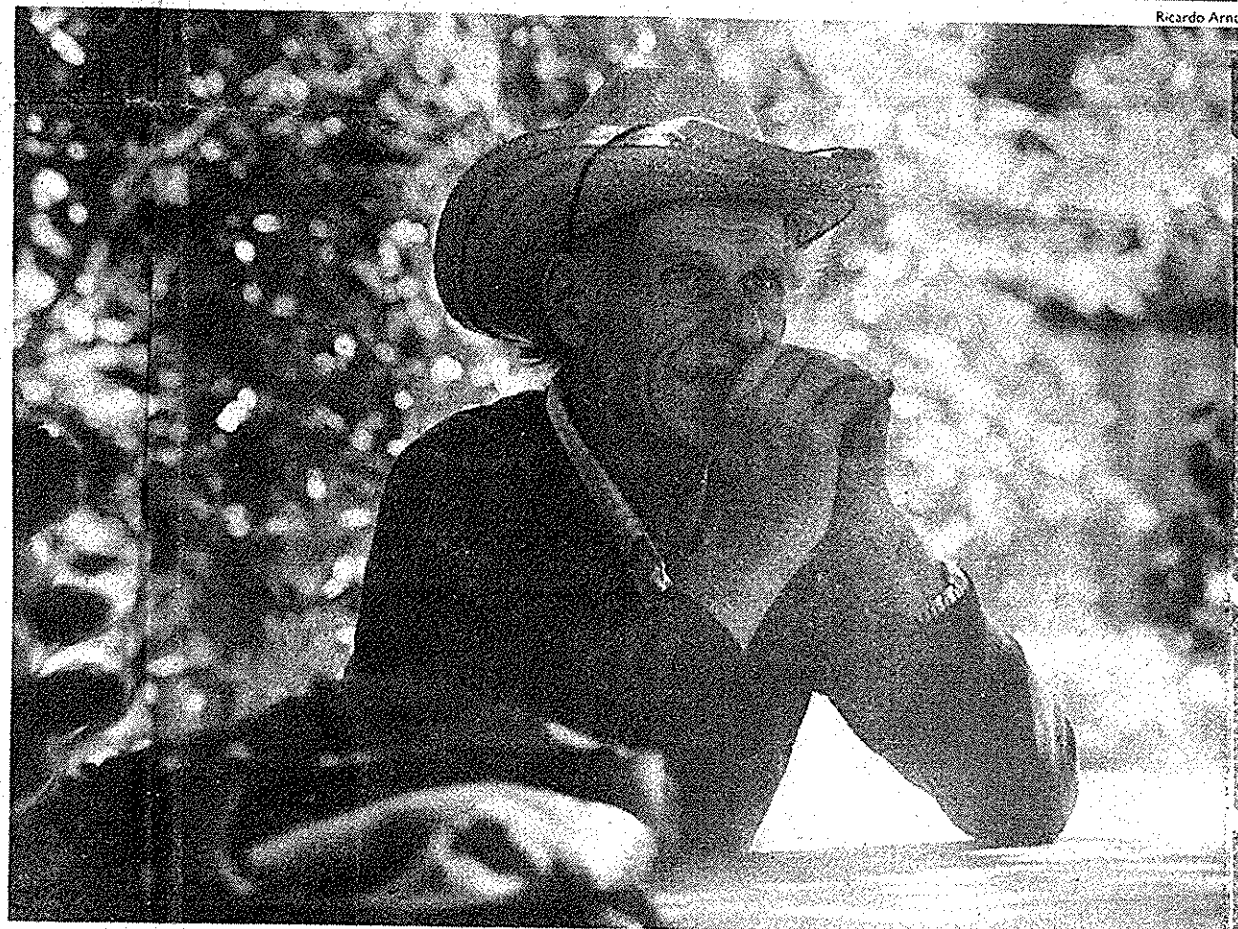
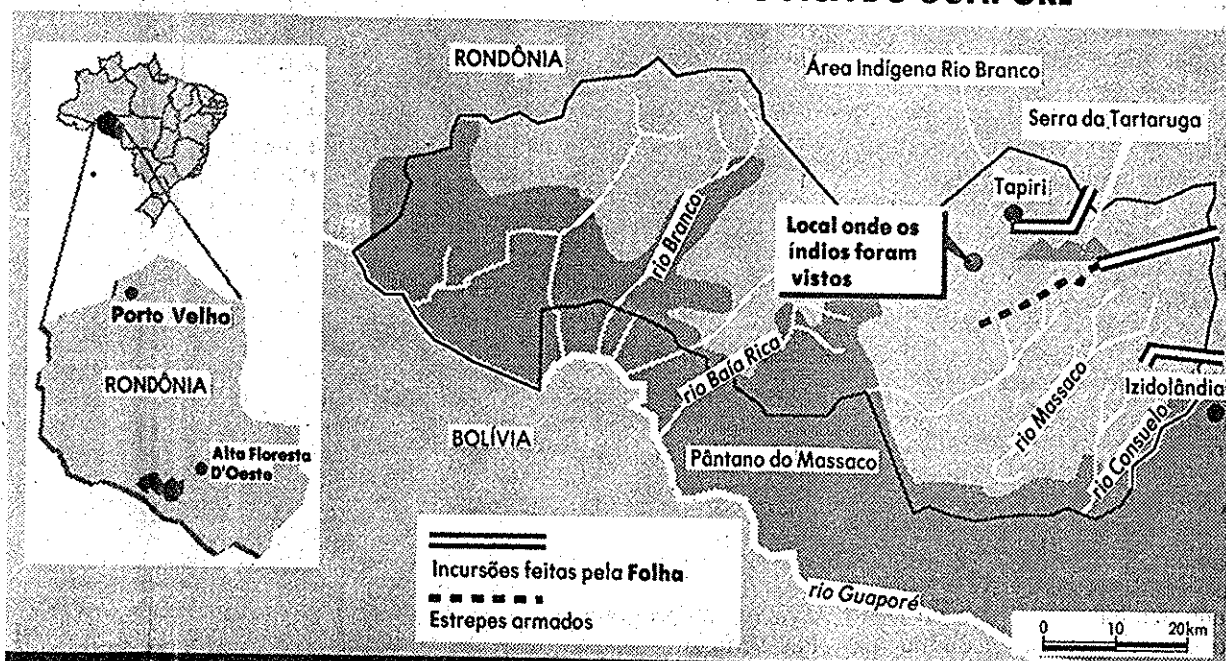
O Ibama, o Instituto Estadual de Florestas e a PM fizeram quatro inspeções em 89. Em todas, houve vazamento de informações. Mesmo assim, foram apreendidos equipamentos, multados madeireiros e removidos posseiros. A Polícia Federal chegou a queimar barracos. Tão logo inspeções são concluídas, os in-

vasores voltam. Um dos posseiros expulsos da reserva foi Alvin Kwirant.

Os invasores têm cobertura legal. Em agosto de 89 o madeireiro Francisco Ruiz Filho, preso em flagrante extraindo madeira, exibiu autorização assinada por João Bosco de Oliveira de Andrade, superintendente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Porto Velho. Andrade responde a processo.

O gaúcho Olvides Pelissari, 42, proprietário da madeireira Mapel, a maior de Alta Floresta, foi autuado quando melhorava, com tratores, a linha 95. Exibiu um "plano de manejo florestal" autorizado pela engenheira florestal Maria Bueno Vileas, do Ibama de Pimenta Bueno. "Entrei porque a reserva não está demarcada e não há placa indicando coisa alguma", disse.

A BUSCA DOS ÍNDIOS DA RESERVA BIOLÓGICA DO GUAPORÉ



Alvin Kwirant, um dos posseiros que foram expulsos da Reserva Biológica do Guaporé

Grupo já caminhou 100 km para fugir do contato com os brancos

Do enviado especial a Rondônia

Os índios arredios da Reserva Biológica do Guaporé já se deslocaram cem quilômetros para oeste, fugindo dos brancos. Mas recuam lutando: espalharam 500 estrepes em 27 quilômetros da linha 95. Já foram encontrados 35 acampamentos. Os últimos foram abandonados com menos de um mês de uso.

Eles vivem de caça e pesca. Não fazem roçados. Não conhecem cerâmica. A **Folha** encontrou sobras de cinco "tapiris" (cabanas feitas com folhas da palmeira aricuri, patoá e cipós), carcaças de jaboti e tamanduá em um acampamento para 20 pessoas, a cinco quilômetros da serra da Tartaruga, no nordeste da reserva. Nessa região, no dia 4 de setembro de 1989, 16 índios foram vistos pelos indigenistas da Funai.

Eram altos e fortes. Um molde de pegada colhido no barro, com 31 centímetros de comprimento, é de um pé tamanho 45. Os homens tinham cabelos compri-

dos e as mulheres curtos. Carregavam "maricos", sacos de viagem presos por alça na cabeça. Espetam cabeças de porco do mato e macacos nas árvores próximas ao acampamento. Usam a base da palma do açaí como panela.

Os índios da Área Indígena Rio Branco, vizinha à reserva, conhecem os arredios como o grupo do "arco grande". A arma, feita de pupunha, chega a ter 3,1 metros. A flecha, de taquara, com penas de mutum, chega a 3,15 metros. Francisco Pancho Macurap Filho, 28, disse que nunca soube de um ataque dos arredios aos índios tupari, jaboti, canoé, columbiara, aruá e macurap que vivem na Área Indígena Rio Branco.

A suspeita de que sejam índios sirionó se baseia nas semelhanças encontradas com esse grupo boliviano, estudado pelo antropólogo norte-americano Allan Holmberg, autor de "Nomads of the Long Bow" ("The Natural History Press", N.Y. 1969). Alfred Métraux, no capítulo "Armas" da "Suma Etnológica Brasileira"

(Vozes/Finpep, Petrópolis, 1986), indica que só os sirionó da Bolívia usam arcos tão grandes na América do Sul. O "Mapa Etno-Histórico de Curt Niemendajú" (IBGE/Pró-Memória, 1987) assinala a presença dos sirionó na altura do rio Colorado, próxima ao sul da reserva.

A Superintendência Regional da Funai em Cuiabá (MT) propôs a criação da Área Indígena Massaco, interditando 2.805 quilômetros quadrados dos 6,8 mil quilômetros quadrados da reserva biológica. É mais uma garantia formal para a proteção dos índios e da reserva, um dos maiores bancos genéticos do mundo em área de preservação permanente. Dos 243 mil quilômetros quadrados de Rondônia, 25% são reservas ecológicas e indígenas —60 mil quilômetros quadrados—, o maior índice de preservação do país. Todas enfrentam invasão de posseiros, depredações e pilhagem clandestina de recursos naturais. Na Amazônia, ainda há 85 grupos de índios que não foram contatados. (RAR)